



**EXPERIMENTAÇÕES COM ANTOTIPIA E FITOTIPIA: ARTE/EDUCAÇÃO
DISSIDENTE NO CONTEXTO DAS AMAZÔNIAS**

**TARTISTIC EXPERIMENTS WITH ANTHOTYPES WITH PHYTOTYPES: A
DISSIDENT ART/EDUCATION IN THE AMAZONIAN CONTEXT**

Erlom da Silva Santos¹
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Associado/a/e ANPAP: Não

Fabio Wosniak²
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, Macapá, AP/Brasil
Associado/a/e ANPAP: Sim

RESUMO

O artigo discute como práticas artísticas insurgentes, como a antotipia e a fitotipia, aliadas ao laboratório LABPOD/UNIFAP, promovem uma educação em artes visuais atenta às especificidades amazônicas e à pluralidade epistêmica. A pesquisa-criação decolonial propõe romper paradigmas eurocêntricos (Mignolo; Gómez, 2021), valorizando saberes locais, memória coletiva e experiências sensíveis. Ao integrar pigmentos naturais e experimentações ancestrais, as imagens tornam-se manifestações de resistência, cuidado e pertencimento. A experiência aprofundada entre ribeirinhos e processos artesanais como a produção da farinha evidencia o potencial das imagens insurgentes para questionar invisibilidades, celebrar territórios e reconfigurar linguagens e práticas educativas na Amazônia.

Palavras-chave: Pesquisa-criação. Decolonialidade. Ensino e pesquisa em arte/educação. Amazônia.

ABSTRACT

The article discusses how insurgent artistic practices, such as anthotype and phytotype, combined with the LABPOD/UNIFAP laboratory, foster an art education sensitive to Amazonian specificities and epistemic plurality. Decolonial research-creation seeks to break eurocentric paradigms (Mignolo; Gómez, 2021), valuing local knowledge, collective memory, and embodied experiences. By integrating natural pigments and ancestral experimentations, images become manifestations of resistance, care, and belonging. The in-depth experience among riverine communities and artisanal processes like flour production demonstrates the potential of insurgent images to question invisibilities, celebrate territories, and reconfigure languages and educational practices in the Amazon

KEYWORDS: *Research-creation. Decoloniality. Art/Education teaching and research. Amazon.*



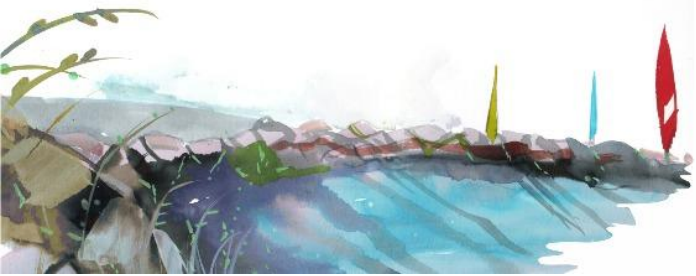
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Antotopia com pigmento de açáí. Erlom da Silva Santos, 2023. Digital, 10cm X 07cm. Acervo do autor.

A produção artística, assim como o ensino das artes visuais, nos contextos amazônicos, apresenta em sua estrutura vestígios da colonialidade. Discorrer a partir da margem não implica a adoção de uma postura de ausência, mas sim a confirmação de um espaço de potência: refere-se à borda enquanto uma ferida em aberto, uma superfície de memória e um campo potencial para insurgências. Enquanto artistas-professores-pesquisadores forjados por experiências dissidentes, reconhecemos que nossas sensibilidades foram afetadas por uma formação que exotiza a paisagem, folcloriza conhecimentos e restringe os pigmentos da terra a meros objetos de artesanato. Há um “coma colonial” (referenciar) que consegue sufocar epistemologias locais, entorpecer conhecimentos provenientes da floresta e preservar o sensível sob a aparência da neutralidade hegemônica.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Diante desse contexto, emerge o "Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes" — iniciativa dedicada à investigação, reinvenção e difusão de abordagens artístico-pedagógicas que desafiam as normas convencionais. Este projeto está ancorado teoricamente em referenciais decoloniais (xxxxxx), na articulação entre Arte/Educação dissidente, nas geopolíticas do sentir/pensar/fazer/criar. Busca, assim, propor formas outras de ensinar e aprender artes visuais que sejam mais inclusivas e reflexivas, promovendo o diálogo entre teoria e prática, saberes locais e epistemologias decoloniais.

O "Laboratório" se constitui, a partir da interdisciplinaridade e da integração entre pesquisa bibliográfica, imagética e ação artística, como espaço de reinvenção de práticas capazes de responder às complexidades do mundo contemporâneo. Seu propósito central é desafiar narrativas eurocêntricas, valorizar os saberes amazônicos e amplificar vozes historicamente asfixiadas. Tal abordagem encontra ressonância na noção de "História Potencial", de Azoulay (2024), concebida como a abertura para reimaginar e reconstruir narrativas ausentes ou silenciadas. No mesmo sentido, dialoga com experiências artísticas de nomes como Castiel Vitorino Brasileiro, Felipe Rivas San-Martin e Gustavo Caboco, que subvertem fronteiras disciplinares e históricas ao oferecer novas possibilidades de percepção, afeto e enunciação do passado e do presente. Inserido no âmbito do PPCULT/UNIFAP, o laboratório potencializa uma articulação entre pesquisa, criação e formação crítica, explorando estratégias que promovem a pluralidade epistêmica própria da Amazônia.

Esse laboratório atua como espaço de conexão entre experiências artísticas insurgentes — neste ensaio com destaque para a. experimentações em fitotipia e antotipia — e a reflexão pedagógica fundamentada na diversidade e na pluralidade epistêmica. O plano metodológico que emerge desse percurso investigativo, traça como percurso não apenas a inovação nas linguagens artísticas, mas a formação de sujeitos críticos e atuantes, capazes de questionar, resistir e reinventar as próprias trajetórias formativas e artísticas.



extremos

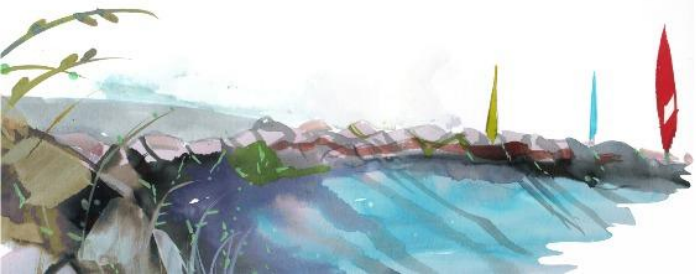
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A abordagem da investigação-criação, central neste trabalho, estabelece um diálogo direto com as inquietações decoloniais identificadas por Mignolo e Gómez (2021), ao sugerir a desconstrução da hegemonia da racionalidade ocidental, a valorização das epistemologias contextualizadas e a promoção de pedagogias que integrem aspectos sensíveis e afetivos do aprendizado. Essa perspectiva transcende a dicotomia entre conhecimento teórico e prático, investindo em um "entre-lugar" no qual a produção estética se entrelaça à reflexão crítica, permitindo que o ato de pesquisar se configure, simultaneamente, como criação e transformação.

Identificar as geopolíticas do sentir/pensar/fazer — como defende Gómez (2019) — envolve compreender que as vivências sensíveis no ambiente educacional são influenciadas por narrativas coloniais, as quais estabelecem regimes perceptivos que excluem e hierarquizam preferências, afetos e sistemas de visibilidade. Sob a ótica da investigação-criação, os sons dos tambores, os pigmentos provenientes da floresta e as narrativas orais da Amazônia são recontextualizados, não sendo mais considerados apenas folclores exotificados, mas sim como epistemologias alternativas, aptas a contestar a hegemonia da perspectiva eurocêntrica.

Sob tal perspectiva, a pesquisa se ancora na valorização das encanterias, saberes e fazeres ancestrais dos povos amazônicos — práticas invisibilizadas por estruturas curriculares ocidentalizadas (Wosniak; Santos, 2024). No ensino de Artes Visuais, inspirados por Azoulay (2024), Freire (2021), Quijano (2005), hooks (2017) e Walsh (2017), defendemos que experiências laboratoriais como a aqui apresentada promovem uma aproximação entre corpo, terra, materialidade e memória, em oposição ao esvaziamento e à homogeneização eurocêntrica.

Assim, este artigo investiga como práticas artísticas insurgentes — tomando a fitotipia e a antotipia como experimentações centrais — podem produzir fissuras nos regimes hegemônicos do olhar, propondo alternativas que enriqueçam a arte/educação no contexto amazônico. Buscamos, ainda, demonstrar a relevância de abordagens pedagógicas que entrelaçam a prática estética à justiça social, autonomia, pluralidade



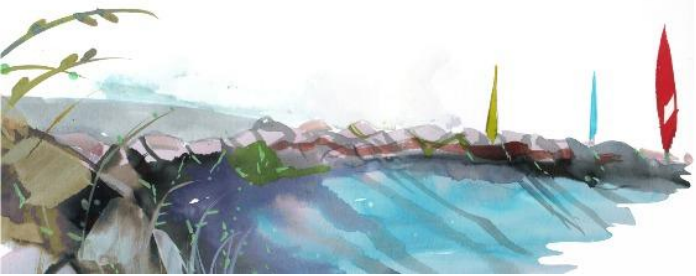
e reflexividade crítica, formando artistas-professores-pesquisadores preparados para atuar em realidades complexas e contribuindo para a construção de futuros mais justos e plurais.

Travessias metodológicas: buscando distanciamentos de regras e normas hegemônicas.

A pesquisa-criação, central neste estudo, dialoga com preocupações decoloniais ao desmontar a hegemonia da racionalidade ocidental e valorizar epistemologias situadas, como propõe Mignolo e Gómez (2021). Ao integrar dimensões sensíveis e afetivas ao aprender, supera a dicotomia teoria-prática, entrelaçando produção estética e reflexão crítica. Assim, práticas e experiências locais — como sons, pigmentos e narrativas amazônicas — deixam de ser folclores exotificados para se tornarem epistemologias alternativas, desafiando a visão eurocêntrica e produzindo transformação.

A *aesthesis* decolonial, desenvolvida por Mignolo (2010; 2019), propõe reconfigurar a sensibilidade e critica as tecnologias coloniais do olhar, dando centralidade à corporalidade coletiva. Assim, a sala de aula torna-se laboratório de experimentação estética, com espaço aberto a sonoridades não convencionais, conflito e novas formas de imaginação. O/a professor/a media percursos intersemióticos, priorizando experimentação e dissenso. A pesquisa-criação, nesse contexto, produz espaços emancipatórios no ensino de artes visuais, unindo crítica estética e compromisso sociopolítico para pluralizar o sensível.

Dessa maneira, as geopolíticas do sentir/pensar/fazer não apenas evidenciam a necessidade de repensar conteúdos, mas também reestruturam o modo como nos relacionamos com o conhecimento, a diferença e o coletivo. Formar-se em artes visuais, nesse horizonte, implica instaurar percursos educativos capazes de ativar memórias corporais, narrativas dissidentes e parcerias improváveis, consolidando



extremos

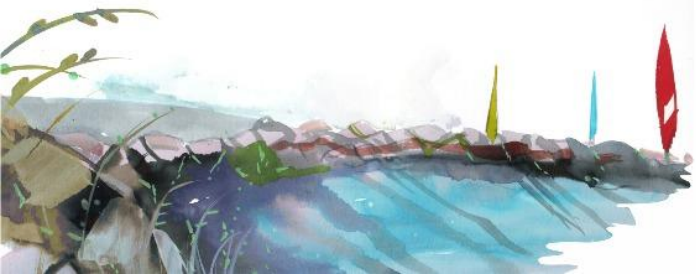
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

uma ecologia estésico-pedagógica onde a experiência estética se converte em produção de mundo(s) possíveis.

As geopolíticas do sentir/pensar/fazer evidenciam a necessidade de transformar as práticas educativas em artes visuais. Decisões cotidianas — como disposição das cadeiras, iluminação, trilhas sonoras ou mistura de linguagens — deixam de ser funcionais e tornam-se intervenções pedagógicas críticas. Assim, investigar-criando transforma a sala de aula em ateliê vivo, aberto ao conflito e à improvisação, onde o/a professor/a é curador/a de atmosferas. O processo de aprendizagem fomenta protagonismo discente, legitima saberes subalternizados e concretiza a estética decolonial como prática coletiva e transformadora.

Essa ampliação radical das práticas educativas, entendendo a formação inicial em artes visuais como um espaço dinâmico de disputa sensível e produção conjunta, estabelece as bases para uma compreensão mais abrangente da *aesthesis* decolonial (Mignolo 2010; 2019) e da pesquisa-criação (Mignolo; Gómez, 2021), enquanto fundamentos ético-poéticos para a reinvenção do ensino das artes visuais. O objetivo é transferir o foco das discussões estritamente teóricas para experiências práticas, nas quais a criação artística se transforma em um método de investigação e modificação da realidade.

Para explorar essa perspectiva de maneira abrangente, torna-se imprescindível analisar de que forma artistas contemporâneos têm efetuado deslocamentos tanto práticos quanto simbólicos na cena da América Latina, resignificando as delimitações entre arte, vida, memória, cuidado, tecnologia e dissidência. Castiel Vitorino Brasileiro, Gustavo Caboco e Felipe Rivas San-Martin, com suas trajetórias e propostas distintas, exemplificam como a pesquisa-criação decolonial pode converter princípios teóricos em processos dinâmicos, estabelecendo maneiras de agir, sentir e refletir — além de atuarem como fonte de inspiração imediata para as sugestões do LABPOD.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Em “Quarto de Cura” (2018), Castiel Vitorino Brasileiro sugere uma prática artística-ritual como uma vivência na qual arte, cuidado e ancestralidade geram ambientes de repouso e proteção. As suas "situações estéticas-clínicas", que são intensamente impactadas por conhecimentos afro-indígenas, desmantelam a lógica médica punitiva e capitalista, favorecendo um tempo que seja acolhedor, afetivo e propulsor de liberdade. Para o Laboratório, essa estratégia constitui uma fonte de inspiração imediata na concepção de residências e laboratórios abertos, considerados como espaços efêmeros de cura coletiva; nesses locais, corpos migrantes, vozes diversas e memórias amazônicas encontram oportunidades de reconstrução, alheias às pressões performativas neoliberais. Na prática, dedicamo-nos a conceber experiências e produções que enfatizem a afetividade, a escuta atenta e a reestruturação de laços rompidos, promovendo, tal como Castiel, uma prática em arte que defende o direito ao repouso, ao sonho e à imaginação de futuros viáveis, considerados formas radicais de resistência.

Enquanto a experiência de Castiel transfere os conceitos de cura e criação para o âmbito das relações afetivas, do cuidado e da ancestralidade, a questão do despertar coletivo e da valorização da memória igualmente se torna fundamental em diversas práticas de pesquisa-criação decolonial. Nesse contexto, a atuação de Gustavo Caboco evidencia de que maneira o envolvimento artístico pode desempenhar o papel de reescrever narrativas, suscitar tensões em relação a omissões e criar maneiras de pertencimento.

Na prática artística realizada por Caboco (2020) em "Coma colonial", o artista cria 15 bandeiras como uma manifestação poética em resposta à história indígena e às violências resultantes do apagamento. A pesquisa examina as fronteiras entre o sono e a vigília, assim como entre o silêncio e a narrativa, questionando: “Quais histórias indígenas se encontram em nosso contexto?” É possível realizar o cultivo do corpo? A atividade artística de Caboco propõe ao LABPOD uma perspectiva de pesquisa-criação na qual arte, memória e ativismo se interconectam. Inspirados por sua abordagem metodológica, aspiramos converter a prática artística em um exercício de



extremos

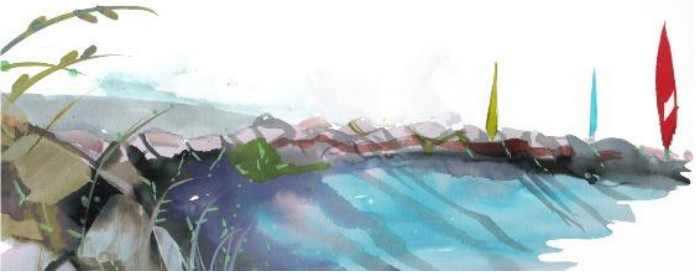
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

escuta e envolvimento comunitário: oficinas, mapeamentos e intervenções se configuram como oportunidades para evocar a memória, estabelecer símbolos coletivos e desafiar a lógica do esquecimento colonial. No cotidiano do laboratório, as produções ganham a interpretação dual de arquivo dinâmico e ritual de sobrevivência, favorecendo o fortalecimento de coletividades, identidades e narrativas que, anteriormente, estavam relegadas ao silêncio.

Assim como Caboco utiliza a arte para ativar memórias e desafiar apagamentos, outras experiências recentes evidenciam como a pesquisa-criação pode reinventar arquivos e presença a partir de novas tecnologias e de narrativas dissidentes, ampliando as possibilidades de pertencimento e visibilidade.

Felipe Rivas San-Martin (2024), por meio de sua coleção de imagens geradas por inteligência artificial, provoca uma reflexão sobre a carência de registros visuais referentes a experiências de pessoas dissidentes sexuais e de gênero, não binárias e de classe trabalhadora na América Latina no século XX. A sua sugestão de "prompt minoritário" visa desenvolver arquivamentos afetivos que nunca tiveram a possibilidade de existir fisicamente, abordando tanto o apagamento social quanto os preconceitos algorítmicos inerentes à tecnologia. No âmbito do laboratório, essa estratégia ressoa em práticas que investigam a inteligência artificial, a processos fotográficos ampliados e a reconstituição de memórias inalcançáveis: sugerimos a realização de atividades que envolvem a criação e a análise crítica de imagens digitais-analógicas, em interação com as narrativas marginalizadas que ocupam nosso espaço. A prática de elaborar arquivos afetivos que desafiem as fronteiras do "possível" converte o laboratório em um local de ficção, no qual o erro, a falha e o inesperado são elementos que potencializam as maneiras de re-existir e recordar.

As práticas dos três artistas evidenciam, na realidade, que a pesquisa-criação decolonial representa uma via para:



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

- 1) Criar ambientes de cuidado coletivo, nos quais o tempo, o afeto e a escuta sejam reconhecidos como essenciais à reinvenção tanto subjetiva quanto comunitária.
- 2) Converter processos artísticos em rituais de memória, prática de pertencimento e resistência simbólica, reformulando projetos como momentos para gerar significados não hegemônicos.
- 3) Integrar a tecnologia e a experimentalidade como procedimentos para contestar o "arquivo impossível": seja pela reconstituição de imagens negligenciadas, seja pela elaboração de ficções que possibilitem outras maneiras de reconhecimento e pertencimento.
- 4) Fomentar a inclusão dos conhecimentos amazônicos, indígenas, afrodescendentes e de grupos dissidentes, tanto no âmbito institucional quanto fora dele, ao transitar o ensino das artes visuais para abordagens que envolvam corpo, território, imaginação e criação coletiva.

Com base na trajetória teórica e metodológica delineada até o momento, é viável sustentar que a pesquisa-criação decolonial estabelece uma ruptura produtiva com as normatividades predominantes no âmbito das artes visuais, possibilitando experiências educativas fundamentadas na pluralidade sensível, na resignificação de memórias historicamente silenciadas e na edificação de futuros coletivos.

As trajetórias de Castiel Vitorino Brasileiro, Gustavo Caboco e Felipe Rivas San-Martin evidenciam, por meio de suas distintas linguagens e abordagens criativas, a capacidade da arte de promover deslocamentos ético-estéticos, contestar invisibilidades e afirmar o direito à diversidade e ao cuidado. No contexto do LABPOD, essas referências apoiam a criação de práticas artísticas e pedagógicas que valorizam a sensibilidade, incentivam o envolvimento comunitário e estimulam a produção de novos arquivos, bem como diferentes formas de existir e resistir - reexistir.

Neste contexto, fundamentado pela *aesthesis* decolonial, geopolíticas do sentir/pensar/fazer e pesquisa-criação transdisciplinar, apresenta-se a seguir uma



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

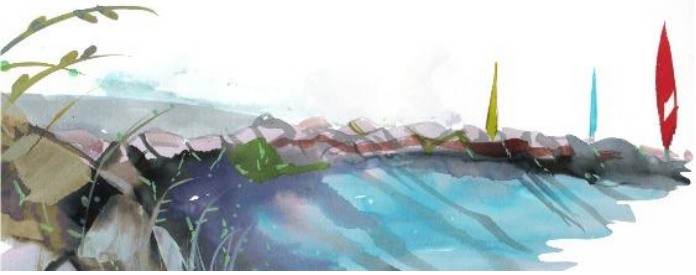
experiência prática na Amazônia. O relato destaca processos de antotipia e fitotipia que promovem o encontro entre saberes ecológicos, técnicas tradicionais e experimentação artística. Essas práticas, ao mesmo tempo sensíveis e coletivas, evidenciam como a criação e a formação docente no território amazônico podem reconfigurar linguagens visuais, percepções e modos de atuação na arte/educação.

Saber situado



Imagem 2. Antotipia com pigmento de açáí. Erlom da Silva Santos, 2023. Digital, 10cm X 07cm. Acervo do autor.

Entre os anos de 2023 e 2024, estivemos integrados ao projeto de pesquisa “Processos de Criação e Docência: Experiências Dissidentes — Ensinar/Aprender Artes Visuais na Perspectiva do Artista/Professor/Pesquisador”, iniciativa que serviu como embrião para a constituição do LABPOD. Nesse contexto, tivemos a oportunidade de compartilhar experiências e construir percursos colaborativos, especialmente a partir do papel exercido por Erlom da Silva Santos como bolsista de



extremos

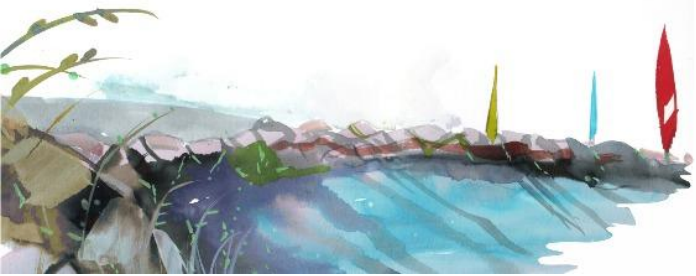
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

iniciação científica na Universidade Federal do Amapá e cofundador das ações inaugurais do laboratório.

O ponto de partida desse percurso investigativo foi a imersão nas práticas tradicionais de produção da farinha de mandioca em Anajás, terra natal de Erlom. Nesta etapa inicial, voltamo-nos à análise dos saberes, técnicas e ecologias que atravessam essa atividade ancestral, reconhecendo-a não apenas como prática produtiva, mas como *locus* de transmissão cultural, memória coletiva e resistência. Esse contato renovado com as dinâmicas locais impulsionou o aprofundamento na investigação da flora amazônica, abrindo caminho para experimentações com processos de antotipia e fitotipia. Dessa forma, construímos práticas nas quais os campos artístico, científico e comunitário encontraram espaço de interlocução e reinvenção.

Esta experiência compartilhada evidencia o potencial da pesquisa-criação enquanto metodologia sensível, situada e colaborativa, capaz de articular tradição, território e invenção em constantes movimentos de transformação. A tessitura entre práticas tradicionais e procedimentos contemporâneos permitiu que repensássemos não apenas as linguagens artísticas e pedagógicas, mas também os modos de nos relacionarmos com a arte, a educação e a própria identidade amazônica.

Ao partirmos das margens, percebemos nossas existências não como ausência, e sim de espaços-limite que se constituem como feridas e superfícies vivas de memória, tornando-se férteis para a insurgência. Atuar como artistas-professores-pesquisadores na Amazônia demandou a superação de um currículo que exotiza tanto os territórios quanto os corpos, reduzindo os pigmentos naturais a meros produtos de artesanato. Denunciamos, na perspectiva do Caboco, o “coma colonial” que entorpece epistemologias locais e torna insensíveis os conhecimentos provenientes da floresta. Dessa forma, reafirmamos o compromisso com processos educacionais e criativos que descentralizam enfoques, reinventando memórias e maneiras de existência na Amazônia.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Antotipia e fitotipia, técnicas fotográficas que utilizam pigmentos naturais de flores, folhas e frutos, criam conexões com a identidade amazônica. Ao empregar recursos vegetais locais, deslocam a arte de insumos industrializados para práticas ligadas ao saber ancestral e à vivência territorial. O uso de pigmentos de plantas nativas fortalece saberes tradicionais, valoriza o meio ambiente como memória e resistência cultural e reafirma a natureza como elemento essencial da identidade amazônica.

A antotipia e a fitotipia quebram paradigmas coloniais, questionando processos fotográficos eurocêntricos e clamando por uma arte que se insira nas singularidades amazônicas. Os pigmentos e as texturas particulares da região refletem sua diversidade ecológica e emocional, resultando em imagens transitórias e variáveis. Essa instabilidade evidencia a identidade amazônica em sua natureza dinâmica, caracterizada por uma incessante adaptação e reinvenção frente a desafios ambientais e culturais.

Ao serem incorporadas a práticas pedagógicas e pesquisa-criação, antotipia e fitotipia validam narrativas silenciadas de povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, revelando modos de vida e resistência antes folclorizados. Mais do que técnicas alternativas, são manifestações de insurgência visual e epistemológica, conectando arte, território e comunidade, fortalecendo a memória coletiva e a pluralidade amazônica.

O percurso pela antotipia e fitotipia aprofunda a aprendizagem ao transformar pigmentos de flores, folhas e frutos em expressões de narrativas e vivências. Elementos da floresta, como urucum e jenipapo, deixam de ser meros materiais e tornam-se territórios, rituais e cosmologias. Incorporando essas técnicas, os pigmentos revelam saberes ancestrais, conectando arte, natureza e cotidiano das comunidades amazônicas em gestos e imagens carregados de significado.

Nossa trajetória no LABPOD nos conduz a refutar a noção de uma estética universal, promovendo estéticas contextualizadas, firmemente alicerçadas no espaço, na



extremos

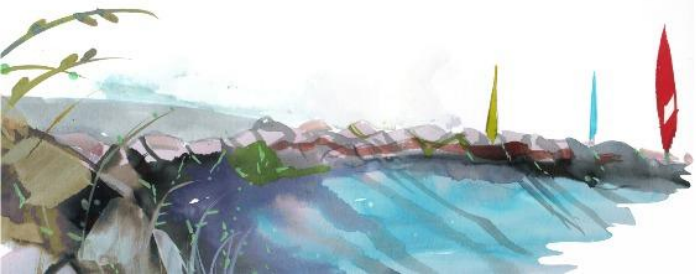
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

memória e nas experiências coletivas. Cada tonalidade ancestral em nossos processos artísticos estabelece fissuras no coma colonial, possibilitando a manifestação sensível. A formação em artes visuais transforma-se em uma convocação para a escuta e a decolonização, reafirmando o conhecimento contextualizado como uma necessidade premente para existir, criar e educar a partir da Amazônia.

Nesse contexto, o processo de criação das imagens, tendo como temática os ribeirinhos na feitura da farinha, transforma-se em um mergulho na singularidade do encontro dissociado entre natureza-cultura. Trata-se de um resgate dos saberes ancestrais das populações marajoaras, que, ao serem traduzidos em arte visual por meio dessas técnicas, adquirem o caráter de insurgência. A fitotipia e a antotipia — técnicas fotográficas alternativas que promovem uma alquimia entre matéria viva e imagem. Ao rejeitarem a industrialização e a toxicidade presentes nos métodos fotográficos convencionais, esses procedimentos não apenas afirmam um compromisso ecológico, mas também se configuram como atos de resistência e reverência ao território. A cada impressão, inscrevem no papel vestígios do ambiente, das práticas e das histórias que atravessam a vida amazônica, reconfigurando a própria noção de criação visual e reafirmando o valor dos saberes locais.

Imaginemos o cenário: à beira do rio, em uma pequena comunidade ribeirinha, a produção da farinha é um ritual diário. As mãos calejadas dos ribeirinhos manejam com destreza a mandioca, raiz que, após colhida, é descascada, ralada, prensada e torrada, transformando-se em farinha. Este ciclo da mandioca é um reflexo da relação intrínseca entre a vida humana e a natureza, onde cada etapa do processo é carregada de conhecimento ancestral.

Registrar essas cenas através da fitotipia e da antotipia significa capturar a essência dessas vivências de uma forma que transcende a mera documentação. As folhas e flores da região são usadas para criar os pigmentos que revelam essas imagens, estabelecendo uma conexão direta entre o objeto retratado e o meio utilizado para a



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

criação da imagem. Assim, as imagens não são apenas representações, mas incorporações da própria natureza que sustenta a vida dos ribeirinhos.

Quando falamos de "imagens insurgentes", referimo-nos àquelas que desafiam o *status quo*, rompem com as narrativas dominantes e reivindicam novos espaços de expressão e significado. As imagens em fitotipia e antotipia dos ribeirinhos fazendo farinha são insurgentes porque subvertem a invisibilidade a que estas comunidades são frequentemente relegadas. Elas emergem como símbolos de resistência, afirmando a relevância e a dignidade dos modos de vida tradicionais em um mundo cada vez mais dominado pela homogeneidade e pela modernização.

Concluir esse percurso implica reconhecer que a criação de imagens insurgentes demanda técnicas e posturas que se distanciam dos meios convencionais de produção e circulação imagética. Artistas e coletivos brasileiros, como Opavivará! e Grupo Bijari, têm trilhado esse caminho ao adotar práticas como fotografia analógica, intervenções urbanas, grafites e demais formas de arte pública que ocupam, ressignificam e revitalizam os espaços coletivos. Ao seguir essa trilha, as imagens produzidas por fitotipia e antotipia entre os ribeirinhos não apenas documentam o cotidiano, mas também instauram espaços de diálogo e engajamento social, evidenciando o poder das imagens em promover reflexão e transformação.

Essas imagens insurgentes, por sua vez, são convites potentes à reflexão sobre a nossa própria relação com a natureza, o alimento e a ancestralidade. Ao valorizar saberes tradicionais e a sabedoria ecológica — especialmente evidenciada no uso da fitotipia —, elas nos desafiam a reconhecer formas de vida sustentáveis e modos de estar no mundo pautados pela harmonia com o ambiente. Trata-se, portanto, de um deslocamento do olhar e das práticas, que convoca à escuta e ao respeito por conhecimentos frequentemente esquecidos.

Desse modo, o processo de criação de imagens por fitotipia e antotipia, tendo como tema os ribeirinhos e a feitura da farinha, torna-se mais do que um exercício artístico;



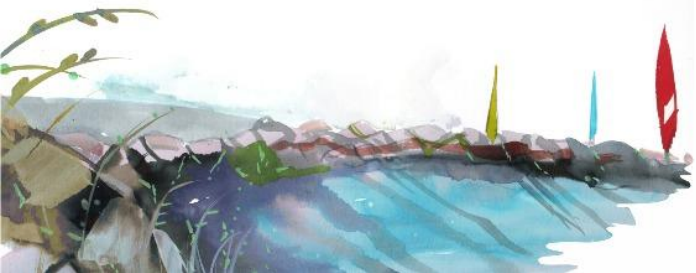
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

constitui, de fato, um ato poético-político. É celebração dos saberes, vidas e territórios que resistem à marginalização, tornando-se também um chamado à insurgência diante da homogeneização cultural e da devastação ambiental. Por meio dessas imagens, aprendemos — ou reaprendemos — a enxergar o mundo a partir de outros referenciais, a sentir a terra e a reconhecer a força inventiva e silenciosa de quem constrói cotidianamente formas de vida em comunhão com a natureza.



Imagem 3. Fitotipia em folhas. Erlom da Silva Santos, 2023. Digital, 10cm X 07cm.
Acervo do autor.



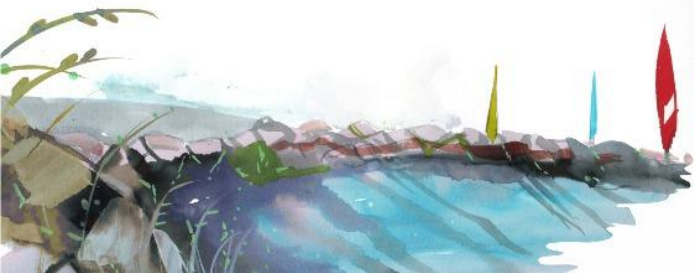
extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 1. Anpap 34º Encontro, Extremos, 2025. Digital, 10cm X 10cm. Design: Sandro Ka.

Referências

- AZOULAY, Ariella Aisha. *História Potencial: desaprender o imperialismo*. São Paulo: UBU editora, 2024.
- CABOCO, Gustavo. *Coma Colonial*. [Obra artística]. 2020. Disponível em: caboco.tv. Acesso em: 16 jun. 2025.
- CASTIEL VITORINO BRASILEIRO. *Quarto de cura*. [Instalação]. 2018. Disponível em: <https://castielvitorino.art.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
- GÓMEZ, P. P. Decolonialidade estética: geopolíticas do sentir, do pensar e do fazer. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92910. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92910>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- MIGNOLO, Walter. *Aisthesis decolonial*. *Calle 14*, v. 4, n. 4, 2010.
- MIGNOLO, Walter D. (2019). Reconstituição epistêmica/estética: a aesthesis decolonial uma década depois. *Calle 14: revista de investigação no campo da arte* 14(25), pp. 14-32. DOI: <https://doi.org/10.14483/21450706.14132>.
- MIGNOLO, Walter D; GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. *Reconstitución Estética Decolonial*. Bogotá, Colombia: Sistema de Libros de Investigación Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2021.
- WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir*. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.
- WOSNIAK, Fabio & SANTOS, Erlom da Silva. INVESTIGAÇÕES POÉTICAS DISSIDENTES NA COMUNIDADE AMAZÔNICA DE ANAJÁS: CONSTRUIR POTÊNCIA A PARTIR DE RITOS ANCESTRAIS. *Revista Da FUNDARTE*, 59(59), 2024 e1442. <https://doi.org/10.19179/rdv.v59i59.1442>.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Rivas San Martín, Felipe. Un Archivo Inexistente – 1ª ed. – Santiago: Écfrasis, 2024.
(Colección TEXTUALES)

Nota

¹ Erlom da Silva Santos é graduando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais – UNIFAP, professor na rede municipal de ensino do município de Anajás- PA, pós-graduando em - Arte: Crítica e curadoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) . Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - CNPq/UNIFAP. E-mail: erlom.santos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5431-3050> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1957201348152826> ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5431-3050> E-mail: erlom.santos@gmail.com.

² Fábio Wosniak é doutor em Artes Visuais pela UDESC (2019). Professor efetivo do curso de Artes Visuais da UNIFAP (Macapá) e docente permanente do PPCULT/UNIFAP, colaborador no PROFArtes/URCA. Coordena o projeto de extensão “Encanterias” e o LABPOD, lidera o GEPDAV (CNPq/UNIFAP), atua como editor-gerente da Revista Encanterias e exerce a primeira secretaria da ANPAP.